

Vida sexual na mira do Governo

Ministério da Saúde

pesquisou o perfil sexual do brasileiro.

Na região que inclui Brasília, frequência é de uma vez por semana.

A crise econômica e o estresse não têm conseguido atrapalhar muito a vida sexual do brasileiro. Pelo menos é o que indica pesquisa do Ministério da Saúde, que demonstra que 80% das pessoas entre 16 e 65 anos de idade são sexualmente ativas. Na região denominada Centro X, onde se inclui Brasília, 62% dos entrevistados disseram que têm rela-

ções sexuais uma ou mais vezes por semana, sendo que, entre os jovens de todo o País, esse percentual sobe para 85%.

A pesquisa aponta ainda que 8,3% dos brasileiros têm relações sexuais todos os dias. Na região Centro X - que abrange o Centro-Oeste, Minas Gerais e Espírito Santo -, esse índice é de 11%, superior à média nacional, enquanto que, na região Nordeste, esse percentual cai para 8%. Os dados são inéditos e traçam o perfil sexual do brasileiro. Em todo o País, o Ministério da Saúde constatou que as pessoas também estão usando mais preservativos, especialmente em relacionamentos casuais.

Diante do fantasma da Aids, os brasileiros estão mais precavidos. Dos entrevistados, 64% disseram que usaram ca-

misinha nos últimos 12 meses, em relações eventuais. A última pesquisa feita - em 1993 - pelo Ministério da Saúde revela que 73% das pessoas que mantêm vida sexual ativa usam preservativo. "Acreditamos que esse número seja muito maior hoje, porque o uso está relacionado com classe econômica e nível de escolaridade", aponta Pedro Chequer, coordenador nacional de DST e Aids do Ministério da Saúde.

No estudo sobre comportamento sexual dos brasileiros, os maiores usuários de camisinha se incluem nesse perfil sócio-econômico-cultural. Quarenta e quatro por cento dos jovens entre 16 e 25 anos de idade fazem uso do preservativo. Nos últimos cinco anos, o movimento no consumo de pre-

servativos cresceu vertiginosamente - passou de 50 milhões/ano para 300 milhões/ano. Segundo a pesquisa, 20% da população brasileira já passou pelo teste da Aids - entre os homens, o percentual é maior (26%) que as mulheres (15%).

Mas o governo quer mais. "Precisamos atingir o uso do preservativo em 100% das relações eventuais. Quem não se cuida, está participando de uma roleta russa", diz Chequer. A pesquisa, que ouviu 3.600 pessoas das mais diversas faixas etárias, localidades e classes econômicas, servirá para nortear ações governamentais para o combate à Aids. No Brasil, existem 165 mil casos da doença.

MÁRCIA DELGADO

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA

Aids não preocupa a todos

Numa circulada rápida pelas ruas da cidade, é possível encontrar pessoas que contrariam alguns dados coletados pelo Ministério da Saúde. O vendedor Wagner Oliveira Macedo, 23 anos, não se enquadra no estudo que aponta que 44% de jovens entrevistados - de 16 a 25 anos - usam preservativos. "Nunca usei camisinha porque não sinto prazer. Não tenho medo, porque sei que as pessoas com que me relaciono são meninas de família", justifica ele, sem menor inibição.

Wagner, morador de Santo Antônio do Descoberto, também nunca se submeteu a um teste que detecta o vírus da Aids e tem relações sexuais eventuais. "Sei que sou saudável, graças a Deus", afirma. O governo mantém, em todo o País, os Centros de Testagem e Aconselhamento, os chamados CTAs, onde as pessoas podem fazer o teste gratuitamente.

Rafael de Oliveira, 22 anos, garçom, morador também de Santo Antônio, realizou o teste anti-HIV duas vezes - quando se casou e para ser contratado pela empresa. Há pelo menos quatro anos, não usa preservativos e tem

relações sexuais com a esposa pelo menos quatro vezes por semana, atitude comum entre 78% dos brasileiros.

Ele estaria entre as pessoas - 34% dos entrevistados - que têm relação estável e dispensam a camisinha por confiar no parceiro, assim como a comerciante Nílvea Mateus, 28 anos, moradora do Guará. Casada há oito meses, ela não exige mais do parceiro, o uso da camisinha. Nílvea diz que tem relações sexuais pelo menos uma vez por semana, número que vem diminuindo ao longo do tempo. "Acho que o estresse e o fator econômico têm alguma influência nisso", opina.

A irmã de Nílvea, a também comerciante Vânia Mateus, 21 anos, ao contrário, tem uma vida sexual mais ativa com o noivo. Está entre as pessoas que têm relações todos os dias. Já o funcionário público Marcos Regis de Souza, 32 anos, morador de Luziânia, não transa há um ano. Ele diz, porém, que, com raríssimas exceções, sempre teve o cuidado de usar camisinha. "Falhei algumas vezes e, por esse motivo, já fiz o teste anti-HIV duas vezes. Deu negativo", conta, aliviado. (M.D.)